

UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DA EDUCAÇÃO PARA A ECOLOGIA A PARTIR DA ESPIRITUALIDADE

*Leila Maria Orlandi Ribeiro **

RESUMO

O trabalho, intitulado “Uma leitura antropológica da educação para a ecologia a partir da espiritualidade” tem como objetivo refletir sobre o que é e quem é o ser humano da realidade atual, e qual o papel da educação para a ecologia integral, com base na espiritualidade. A metodologia é a da pesquisa bibliográfica, em especial com leituras de obras de Bruno Latour e João Manuel Duque. Inicia com a identificação da realidade ecológica do planeta e as potências de ação, dentre elas a educação; passa à relação entre cultura pós-moderna e religiosidade, com a correspondente compreensão de quem é o humano envolvido na educação; e chega à contribuição da antropologia cristã com a questão da educação para a ecologia no mundo marcado pela cibercultura. Conclui que a liberdade e a responsabilidade são as características primordiais do ser humano que as diferencia dos demais e podem ser desenvolvidas por uma educação que considere a espiritualidade da realidade atual e toque o coração rumo à ecologia.

Palavras-chave: Antropologia. Educação. Ecologia. Espiritualidade.

INTRODUÇÃO

Hoje, a ecologia é um dos temas relevantes para o futuro da vida no planeta, pelo fato de a atividade humana ter influência significativa sobre o clima e sobre a vida dos humanos e do planeta. A preocupação é com as condições de vida das próximas gerações, para que sejam as mesmas, ou até melhores, das que se vive hoje em dia.

Nesse contexto, pergunta-se: quais são as perspectivas para uma educação voltada à ecologia integral? Nossa hipótese é que a educação que se fundamenta na espiritualidade é um campo propício para uma vida digna à humanidade e ao futuro do planeta.

O trabalho, intitulado “Uma leitura antropológica da educação para a ecologia a partir da espiritualidade”, tem o objetivo de refletir sobre o que é e quem é o ser humano da realidade atual, e qual o papel da educação para a ecologia integral, com base na espiritualidade.

A metodologia é a da pesquisa bibliográfica, com leituras básicas do texto de Bruno Latour, “Como não (des)animar a natureza”; e os do prof. João Manuel Duque, “O próximo e

* Mestre em Teologia pela FAJE-BH e Mestre em Educação pela UnB-BSB. Doutoranda em Teologia na FAJE – BH. Bolsista da CAPES.

a comunidade”, “Utopias neo-gnósticas do pós-humano na cibercultura” e “Experiencias religiosas postmodernas y antropología Cristiana”.

Os temas desenvolvidos são: 1 A realidade ecológica do planeta no antropoceno e as potências de ação. 2 O próximo e a comunidade. 3 Situação cultural contemporânea sobre a experiência religiosa da cibercultura e a educação para a ecologia.

1 A REALIDADE ECOLÓGICA DO PLANETA NO ANTROPOCENO E AS POTÊNCIAS DE AÇÃO.

As ações humanas executadas livremente e com responsabilidade têm consequências tanto para os humanos como para os demais seres e o planeta. Segundo o Papa Francisco, “não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS, 118). E quando a pessoa é apenas mais um ser entre os outros, proveniente de jogos do acaso, “corre-se o risco de se atenuar, nas consciências, a noção da responsabilidade” (LS, 118). Perante a afirmativa do Papa, será que é o ser humano o responsável pela possível extinção da vida na face da terra? Alguns confirmem e outros colocam em discussão o fato de o ser humano ser o responsável pelas consequências do antropoceno, ou seja, pela alteração da química da atmosfera, o que leva à poluição dos rios, lagos, oceanos e reduz a disponibilidade de água potável e conduz à possível extinção das espécies do planeta. Seja o homem o responsável ou não, o certo é que a situação ecológica planetária é de degradação e o caminho para uma possível restauração passa pela educação, por ser ela um dos campos propícios para que o ser humano transforme seu estilo de vida com foco na espiritualidade e mais responsabilidade sobre os demais e o planeta.

Duque define antropoceno como sendo a “época da história geológica do planeta em que o impacto da atividade humana começou a ter influência significativa sobre o funcionamento dos ecossistemas, com consequências sobre o clima” (DUQUE, 2022). Por volta dos anos 1800, ocorre o vertiginoso crescimento do impacto da revolução industrial, com os efeitos da Grande Aceleração do CO₂ (dióxido de carbono atmosférico) nos ecossistemas, e esta é uma das principais evidências do antropoceno.

Na busca de se compreender as ações dos humanos e suas reponsabilidades sobre a realidade ecológica, bem como suas possibilidades de ação, passa-se a enfocar os temas sobre o ser humano, o planeta e a educação para a ecologia.

1.1 Realidade ecológica do ser humano e do planeta

Em relação à natureza do antropoceno, o cientista Bruno Latour diz que “vivemos uma situação de guerra, não apenas de uma guerra dos climas” (2020, p. 77). E que a humanidade não é apenas responsável por toda a transformação revolucionária que vem ocorrendo com o planeta, mas que, talvez, já tenhamos ultrapassado o momento em que poderíamos fazer algo a respeito.

Frente às evidências do antropoceno, que, mais do que simples descrição de fatos são, na verdade, um alerta à ação, há quem reaja de forma diversa. Alguns acham que é hora de agir, para não sermos considerados criminosos perante os efeitos da omissão humana. Outros se sentem impotentes e deixam que o próprio ciclo da natureza se resolva, de uma ou de outra forma, ou para a continuidade das espécies e do planeta, ou, já que todos morrerão, que se acabe tudo *quando Deus quiser*.

1.2 A contribuição da política, da ciência e o papel da educação.

É grande a diferença das posições dos seres humanos perante a realidade do antropoceno. Para Latour (2020, p. 80-82), há quem entenda que, para responder à ameaça da continuidade da vida dos humanos e do planeta, bastam as evidências científicas, e que a política nada tem a ver com a situação. A justificativa é que a ciência caminha em ritmo alucinante e a política, em passos de tartaruga. Isso é real, porém, evidencia-se a necessidade da iniciativa por parte de todos, em especial voltadas à política no sentido do bem da pólis e de todos.

Assim, dentre as diversas formas de ação, destaca-se o “essencialismo estratégico”, citado por Latour (2020, p. 82), que apresenta a certeza incontestável da ciência para se alcançar o efeito de mobilização necessário. Porém, o risco de se adotar tal procedimento é o de se acabar por contornar o trabalho árduo da política, atribuindo à ciência uma certeza incontestável, que ela está longe de ter, sem muitas vezes, mobilizar ninguém. Diante da realidade, a participação de todos é essencial, e, nesse sentido o Papa Francisco fala em ecologia integral (LS, 10), que engloba aspectos ambientais, econômicos, sociais, culturais, de justiça e da vida cotidiana, voltados ao princípio do bem comum.

Perante a necessidade de ação, na realidade caótica em que se encontra a Natureza, Latour afirma que “ecologia não é a política levando a Natureza em consideração; é o fim da Natureza que esconde sua política e uma Política que torna a Natureza explícita” (2020, p. 82). O ideal é que tanto a política como a ciência caminhem juntas para salvar a Natureza, já que “é preciso se acostumar a um encadeamento contínuo de ações, que começam pelos fatos, se prolongam em um alerta e apontam para decisões, nos dois sentidos” (LATOUR, 2020, p. 85).

Porém, é preciso que o ser seja “impelido à ação por um gênero particular de enunciados que nos tocam o coração, para nos comover” (LATOUR, 2020, p. 86). Também o Papa Francisco diz que “quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir... E a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca” (LS, 204). O envolvimento com o coração é, pois, vital em todos os sentidos da vida, inclusive em relação à educação para a ecologia: é necessário tocar o coração para se agir e educar, sentir a beleza da Natureza, para se tornar parceiro nas ações.

Sendo assim, não só a moralidade das ações é o foco da educação para a ecologia, mas também o conhecimento dos fatos que estão a acontecer. Por exemplo, se não se sabe nada sobre o efeito do CO₂ sobre a Terra, é preciso investigar, começando por explorar o que ele faz. E por não existir saber prévio, cada conhecimento deve ser construído a partir de determinadas experiências. Se não somos especialistas no objeto desconhecido, o procedimento é começar pelo significado do seu nome, desdobrando-o em uma lista de situações, com que depois vamos nos familiarizando, até podermos resumir o que ele faz.²

1.2 Humanos e não humanos

Para Latour, quando se diz que há um mundo natural de um lado, e, de outro, um mundo humano, “uma porção arbitrária dos atores será despojada de toda ação, e outra parte, também arbitrária, será dotada de uma alma e consciência. ... É preciso deixar de lado o retrato de humanos se exibindo à frente de um cenário de coisas” (2020, p. 101). Ambas as partes, humanos e natureza, têm seu significado e importância do ponto de vista da sua história.

Como dizia Galileu, em relação às atrocidades enfrentadas pela Terra, “ainda assim ela se move” (in Latour, 102). Para Latour, não deveríamos nos surpreender que uma nova potência de agir, *que ela se comova*, seja tão assombrosa quanto a antiga, *ela se move*” (LATOUR, 2020, p. 102 e 103). Digamos então: *mesmo assim, a Terra se comove*. O sentido do comover-se não é “que choremos pela Mãe Terra ou nos extasiemos por ela ter uma alma. ... Mas para a surpreendente convivência entre potências de agir, outrora distintas, tão opostas quanto as velhas figuras do objeto e do sujeito, que, no presente se encontram tão misturadas” (idem, p. 105 e 106).

Os humanos e a Terra se comovem perante a situação catastrófica atual. Dessa “revolução científica” decorre um lugar para a religião e a moral. Não há mais objetos a se opor

² Para saber mais sobre a ação da educação nos efeitos do antropoceno, ver Latour, 2020, p. 83-86.

aos humanos e “as leis da natureza começam a ter espírito” (SERES, in LATOUR, 2020, p. 112). A emoção, o coração, são frutos do espírito, tanto da Terra como dos humanos.

Porém, muitos ainda pensam que temos um mundo material desprovido de animação. O caráter evidente da ameaça não nos fará mudar o que precisa ser mudado, a fim de nos preparar para refazer a política, a não ser pelo coração. O que parecia metáfora, “até as pedras gritam” (Lc 19,40), agora toma sentido literal diante da dor que os humanos provocam ao planeta.

2 O SER PERANTE O OUTRO E A COMUNIDADE.

A reflexão sobre o ser humano e a natureza conduz ao estudo sobre o outro e a comunidade. É o que apresentamos a seguir, com base no texto do prof. João Manuel Duque (2021). Duque destaca a abordagem do Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti* (FT) sobre a centralidade da fraternidade como imperativo para a humanidade.

O Papa inicia a encíclica explicando que o essencial para a fraternidade é que a comunidade seja aberta e permita “reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física” (FT, 1). E conclui referindo-se Charles de Foucault, com o exemplo de São Francisco: “queria ser o irmão universal. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos” (FT nº 287). A valorização do próximo, a partir dos mais vulneráveis, é, portanto, a base para a fraternidade, independente do lugar geográfico em que o ser se encontre.

Mas, contrapondo-se à fraternidade, acontecem as patologias da comunhão, que precisam ser conhecidas para se compreender o conceito de fraternidade universal.

2.1 Patologias e alterações doentias da comunhão: as comunidades fechadas.

De acordo com o Papa Francisco, “O desprezo pelos vulneráveis pode esconder-se em formas populistas que, demagogicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais ao serviço dos interesses econômicos dos poderosos” (FT, 155). Trata-se de patologias que alteram o sentido de comunhão, centradas no egoísmo individual, que conduzem a formas sociais estruturadas como sistemas fechados. É quando se passa do povo ao populismo, que, segundo Enrique Dussel,³ se caracterizam por ser “patologias comunitárias, fundamentadas em um paradigma de totalidade fechada” (DUSSEL E GUILLOT, in DUQUE, 2021 p. 2).

³ Enrique Dussel é um filósofo argentino muito influente na elaboração do pensamento latino-americano sobre a Teologia da Libertação e a Teologia do Povo.

Por sua vez, na teologia do Papa Francisco, o conceito de povo traz consigo uma “identidade comum, formada por vínculos sociais e culturais” (FT nº 158), o que ocasiona um sentido de pertença para a constituição dos sujeitos individuais. Os vínculos sociais são o que caracterizam determinado povo e constituem as individualidades dos que dele pertencem, com vistas à comunidade aberta.

O professor João Duque (2021) esclarece que as alterações doentias do sentido de comunhão se caracterizam em dois sentidos: 1. Na *incapacidade de dar*, pelo menos no sentido mais básico de “dar lugar”, ou de conceder cidadania ao outro diferente. 2. O que resulta na *recusa de o acolher* como outro e acarreta sua exclusão. E, também, na incapacidade de receber, a partir do outro diferente de si. Daí resultam as comunidades fechadas, formadas por indivíduos com autossuficiência absoluta, que não reconhecem o exterior de si.

Ao contrário das comunidades fechadas, para o filósofo italiano Roberto Esposito, “a comunidade aberta surge de uma permanente exposição ao outro, como sujeito, mas também como grupo” (in DUQUE, 2021). É precisamente essa ruptura com a autossuficiência como imunidade ao sujeito que caracteriza o ser e o vínculo comunitário. “A essência da subjetividade não reside na identidade do sujeito, mas sim na sua radical exposição ao outro” (ESPOSITO, 2015, 146, in DUQUE, 2021).

A exposição ao diferente não anula a identidade do ser, mas é propriamente a sua origem. A necessidade do outro, ou de um outro, evita que o ser se feche em si. Ao ser contestado, perante o reconhecimento de sua incompletude e insuficiência, o ser se abre ao próximo. Tal processo caracteriza a singularidade do ser, que o expõe ao exterior, abrindo sua singularidade humana para fora de si e para fora do mundo e definindo uma realidade aberta.

2.2 O princípio da singularidade e da responsabilidade com base na espiritualidade.

Como visto, as comunidades abertas são caracterizadas pelo princípio da singularidade. Retornando ao prof. João Duque (2021, que cita ESPOSITO, 2007), é preciso dar um passo mais em relação à questão da comunidade.

De fato, aquilo que permite que o vínculo comunitário não transforme a relação “eu-tu” em puro binarismo – que terminará por ser, ou mutuamente excludente, ou includente de um e de outro na mesma totalidade que os abrange a ambos, excluindo o seu exterior, é a *referência ao terceiro* (destaque nosso), o verdadeiro fundamento da dinâmica de exposição como instauração do vínculo comunitário.

A referência ao terceiro permite a exposição ao outro e o vínculo comunitário. Para Duque, o terceiro impede que um e o outro se fechem entre si, o que os destruiria em uma

relação bipolar. “O terceiro impele à abertura e surge como fundamento da identidade, que é sempre dada pelo outro – pelo Outro (Ele), na presença do outro (tu)” (2021, p. 7).

Para Duque, a exigência da abertura ao outro, provocada por um terceiro, conduz ao princípio da responsabilidade.

A exposição ao outro, que nos falta, seja para doação ou recepção, é precisamente o que origina os vínculos comunitários, então uma comunidade é um processo de permanente abertura ao exterior, ao que transcende – mesmo ao Transcendente, enquanto Deus único, única origem e único “Pai” de todos os irmãos humanos (DUQUE, 2021, p. 7).

Ao responder as questões bíblicas fundamentais da Encíclica *Fratelli Tutti*: “Onde está o teu irmão?” “Quem é o teu próximo?”, a resposta é qualquer um que seja concreto, em uma responsabilidade pessoal e comunitária. Dessa forma, pergunta-se: poderá ser a responsabilidade a chave da fraternidade universal, já que o próximo não se restringe a um sujeito, ou objeto social, mas a se tornar próximo do outro, que é diferente de mim? O próximo é “um acontecimento, que é o evento de tornar-se próximo, ou de assumir alguém como próximo, a partir do que é imprevisível O próximo é a própria conduta de se tornar presente... Não se tem um próximo; eu me faço próximo de alguém (qualquer um) (RICOEUR, 1967: 114, in DUQUE, 2021, p. 11). O próximo é o ser humano “seja do meu próprio povo ou de outro qualquer” (COHEN, 1935: XXI, in DUQUE, 2021, p. 12). Nesse sentido é que “o ser se abre a uma exterioridade que marca a dimensão de transcendência, com uma relação inter-humana e dos vínculos comunitários” (FT, 53-67). Como já dito em relação à comunidade, também a fraternidade supera a proximidade física ou territorial e a intencionalidade. Portanto, a responsabilidade acontece em relação ao próximo e à comunidade, onde quer que ele esteja.

A tensão entre universalidade e particularidade, entre global e local, caracteriza o texto do Papa Francisco em relação à fraternidade: “Portanto, a fraternidade universal e a amizade social dentro de cada sociedade, são dois polos inseparáveis e ambos essenciais. Separá-los leva a uma deformação e a uma polarização nociva” (FT, 142). Assim como na parábola, o fundamento do bem comum é “a inclusão ou exclusão da pessoa que na margem da estrada define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos” (FT, 69). A fraternidade visa o bem do outro, seja ele quem for e esteja onde estiver. A relação interpessoal, ao próximo, na relação aberta, com o mandamento do amor ao próximo como fundamento de uma nova forma de ser humano, evita as alterações doentias e individualistas da comunidade.

Diante da realidade que se evidencia, do antropoceno planetário e das sociedades fechadas, o Papa Francisco convida à ecologia integral, dizendo que “toda a mudança tem

necessidade de motivações e de um caminho educativo” (LS 15). E, dentre as motivações para a educação à mudança, uma delas, segundo Francisco, é a experiência espiritual.

3 FORMAS DE ESPIRITUALIDADE DA CIBERCULTURA NA EDUCAÇÃO PARA A ECOLOGIA.

A educação é um dos campos em que se efetiva a abertura do ser, na relação com o próximo e a comunidade. Fritjof Capra descreve a visão do universo que vem surgindo, diante a realidade do antropoceno: “O universo deixa de ser visto como uma máquina, [...] para ser descrito como um todo dinâmico, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas [...] como modelo de um processo cósmico, [...] e o misticismo está sendo encarado seriamente” (CAPRA, 2006, p. 72-73). Diante da visão de mundo como um todo dinâmico, surgem as experiências de espiritualidade.

Duque, por sua vez, afirma que as experiências espirituais da cultura atual se caracterizam tanto por serem tanto individualistas, como também holísticas, o que se estende à questão da espiritualidade na cibercultura (2018, p. 230). Conforme Duque, “nas espiritualidades cibernéticas atuais encontram-se elementos de individualismo, magia e mecanicismo, em um complexo universo New Age, feito de sincretismo” (DUQUE, 2018, p. 232). Assim é visto que o individual e o holístico caminham juntos, em termos de espiritualidade, na cultura cibernética.

Diante das experiências, ora individualistas, ora holísticas da espiritualidade, Duque destaca a utopia cibercultural, que se caracteriza por dois elementos: 1. Por pretensões divinas e 2. Por magia. Ambas são acessadas pela tecnologia cibernética, com uma velocidade vertiginosa da transformação cultural, designada de cibercultura. Nesse sentido, diz Duque: “acredito que possa ser colocado, este universo, tanto aberto a possibilidades ilimitadas (tecnologia como possibilidade de ser como deuses...), quanto [...] a um ambiente mágico (tecnologia como mundo oculto...), o que chamaríamos de experiências religiosas típicas da cibercultura” (2018, p. 230-231, tradução nossa).

Diante da realidade de magia e pretensões divinas, o verdadeiro debate sobre as experiências religiosas no mundo cibercultural acontece na antropologia, em busca de respostas à questão de sempre: o que é e quem é o ser humano, com que a cultura se depara, e nela a educação, frente à realidade ecológica do antropoceno.

Nesse sentido, os cristãos encontram o modelo em Jesus, que chama à consciência da vulnerabilidade tanto corporal como espiritual. Segundo Frei Beto:

Em Jesus, Deus [...] inseriu-se no processo evolutivo da matéria. No corpo de Cristo havia DNA com uma história genética quase tão antiga quanto a Terra. [...] Assim como todas as partículas que integram os átomos, as moléculas e as células do trigo e da uva que, na mesa eucarística, são pão e vinho transubstanciados em corpo e sangue do Senhor. Nele, não só os seres humanos, mas todo o Universo, é chamado à ressurreição” (2002, p. 245).

Na fé cristã, tanto o ser humano quanto a natureza são chamados à ressurreição. Seja qual for a fé, a leitura antropológica da educação para a ecologia considera a experiência religiosa do ser humano no mundo da cibercultura, entre situações de individualidade ou holísticas, em meio às tendências a magias e pretensões divinas.

Nessa realidade espiritual, a educação é chamada a criar uma cidadania ecológica. Quando a educação se limita a informar, não consegue criar hábitos, já que somente leis não são suficientes. A educação para a ecologia quando realizada a partir de experiências que envolvem o coração, como diz Latour (2020, p. 86), é despertada por motivações que exigem reação e transformação pessoal, com consciência, liberdade e responsabilidade.

Segundo Francisco, “a doação de si, num compromisso ecológico, só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas” (LS, 211). E para isso a educação pode colaborar, no sentido de cada um assumir o dever de “cuidar dos outros e do planeta com pequenas ações diárias, motivando a um novo estilo de vida, com comportamentos para o cuidado com o ambiente e com uma criatividade dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano” (LS, 211).

CONCLUSÃO

A realidade do antropoceno, com a vertiginosa ação do ser humano em dissonância com a vida atual no planeta, demanda a ação da educação com visão ecológica. E, diante dos desafios do mundo atual, a educação leva em consideração o ser humano em relação dos demais seres e ao planeta. Conforme o Papa Francisco, “não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS, n. 118). Quando o ser humano é considerado mais um entre os demais, é difícil despertar a consciência e a responsabilidade para uma ação aberta aos demais e ao planeta.

Para Latour (2020), tanto os humanos como a terra se comovem perante a situação catastrófica atual, que demanda a cooperação de todos, tanto das ciências, como da moral e da política, por meio da educação, para a abertura do ser e da comunidade a o outro e ao planeta.

Em consonância com Francisco (na FT, n. 158), Espósito destaca que a comunidade surge da exposição do ser ao outro, tanto indivíduo como grupo, decorrente da singularidade e da vulnerabilidade do ser e do povo (in Duque, 2021). O conceito de singularidade como lugar

de comunicação do sujeito e do objeto deriva da incompletude do ser, que se abre ao outro na comunidade diante de um terceiro, podendo ser ele o Transcendente.

É este o ser humano que se abre ao outro e à situação do planeta, na realidade atual de cibercultura. Dentre outras características, destaca-se, nesse contexto, a espiritualidade do ser, que ora se volta ao individualismo, ora se dirige ao holístico, com uma visão de mundo quase mágica ou mecanicista. Diante de tais experiências, o ser reage, reconhecendo sua vulnerabilidade, abrindo-se à alteridade e à responsabilidade a partir do terceiro.

O ser humano no processo educativo para a ecologia dos dias de hoje vem carregado de espiritualidade e a educação motivada pelo coração traz a possibilidade de se alcançar um novo estilo de vida, focada no cuidado dos outros e do planeta.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **A obra do artista: uma visão holística do universo**. São Paulo, 2002.

CAPRA, Fritjofre. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix. 2006.

DUQUE, João Manuel. **Experiencias religiosas postmodernas y antropología cristiana**. Revista Española de Teología 78 (2018): 225-243.

DUQUE, João Manuel. **Material das aulas da disciplina “Demasiado humanos? Leitura teológica de (pós) antropologias atuais”**. Ministradas na FAJE – BH – Brasil. 2022.

DUQUE, João Manuel. **Utopias neo-gnósticas do pós-humano na cibercultura**. Para uma leitura filosófico-teológica. Perspectiva Teológica 48 (2016): 163-182.

DUQUE, João Manuel. **O próximo e a comunidade**. Breve estudo da *Fratelli tutti*. Lisboa: UCEditora, 2021.

FRANCISCO. Carta Encíclica **Fratelli Tutti**. (2020). Disponível em: Fratelli tutti (3 de outubro de 2020) | Francisco (vatican.va). Acesso em: 9 de agosto de 2022.

FRANCISCO. Carta Encíclica **Laudato Si'** (2015). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 19 de agosto de 2022.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**. São Paulo: Ubu, 2020.